

RELAÇÃO ENTRE JOVENS E POLÍCIA NA PERIFERIA DO DISTRITO FEDERAL: diálogo possível?

Maria Laura Correa Brochado¹, Prof. Dr. Haydée Glória Cruz Caruso².

1. Estudante de IC da Depto. Sociologia da Universidade de Brasília - UnB; [*lauracorreaunb@gmail.com](mailto:lauracorreaunb@gmail.com)

2. Pesquisadora doutora do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília - ICS/UnB

Palavras Chave: violência policial, polícia militar, representações sociais.

Introdução

Este resumo foi construído a partir de uma pesquisa que realizou um estudo sócio antropológico refletindo sobre as noções de conflito, ordem e desordem. Uma construção a partir da interação entre policiais e jovens. Minha contribuição esteve na realização de trabalho de campo com vistas a explorar noções como: diversidade, interação social e conflitos, a partir do que dizem e do que fazem os (as) policiais militares alocados nos batalhões e companhias responsáveis pelo patrulhamento ostensivo das cidades investigadas.

Pretendi compreender as visões dos jovens em relação à abordagem policial e a visão dos policiais perante esses jovens dessas cidades Satélites do DF.

Resultados e Discussão

A partir de um estudo etnográfico realizado nas cidades de Taguatinga e Ceilândia, localizadas na periferia de Brasília - Distrito Federal, nós procuramos refletir sobre essas noções construídas a partir da interação entre policiais e jovens pertencentes às respectivas cidades. Ao relacionar polícia com o conceito da teoria das representações sociais, definindo representações sociais como uma forma de conhecimento elaborado por uma coletividade, que orientam as práticas sociais e as relações sociais entre pessoas e grupos. (Kant de Lima, 2003).

Jovens e policiais colocam as consequências de suas ações e relações, um sendo reflexo do outro. Há pouco espaço para o diálogo e compreensão do que é ser jovem e o que é ser policial. Por um lado há o desafio de o policial compreender seu papel como servidor público, responsável pela aplicação da lei diante de uma juventude plural e diversa que se revolta por não ser respeitada em seus direitos. O grande embate colocado em nossa pesquisa é o preconceito que o jovem diz sentir da polícia, especialmente, quando faz parte ou é associado em sua estética e modo de agir com a cultura HIP-HOP. Já por parte dos policiais, de não serem reconhecidos e respeitados em seu lugar de autoridade.



Fonte: <https://amarilhocharge.wordpress.com/2012/11/21/semana-da-consciencia-negra/>

Conclusões

Assim pude notar, com o auxílio das entrevistas com policiais e nas bibliografias levantadas, que na polícia estão sendo incentivados mais cursos de qualificação profissional na área de segurança pública, visando assim tanto o conhecimento no quesito educacional quanto a preparação profissional visando sua melhor atuação e consequente a valorização dessa profissão.

Os estudos apontam que tanto os projetos governamentais como os não- governamentais, voltados para educação policial, possuem o desafio de fazer a ponte e promover o diálogo entre jovem e polícia. Pois sem esse diálogo não haverá espaço para a discussão e uma desconstrução desse muro que há entre tais atores.

Referencias Bibliograficas

- LIMA, Roberto Kant. Direitos Civis, Estado de direito e Cultura policial: A formação policial em questão. Revista Brasileira de Ciências Criminais, São Paulo, 2003.
- MUNIZ, Jaqueline Oliveira. 1999. Ser policial, sobretudo uma razão de ser - Cultura e Cotidiano da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro. IUPERJ.
- MICHAUD, Yves. A Violência. São Paulo: Editora Ética, 2001. RAMOS, Silvia; MUSUMECI, Leonarda. 2005. Elemento suspeito: Abordagem policial e discriminação na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.